

# Cristina Nobre

## A Eneida, de Virgílio, adaptada para jovens por Carlos Ascenso André

(2021, ed. Quetzal)

### OU o outro/o novo a partir do mesmo?

Sempre que a questão da leitura dos clássicos desponta, é a reflexão de Italo Calvino – *Porquê ler os clássicos?* – a iluminar o modo como este novo século se revê nela. Ler uma obra de Virgílio (séc. I a.c.), *A Eneida*, que nos conta a guerra entre Gregos e Troianos, lendariamente ou não, ocorrida há mais de 3 milénios, deve ser uma boa acha para nos interrogarmos todos sobre o manancial cultural e literário que o século XXI continua a querer como sua marca distintiva. O cânone ocidental aparece-nos, então, na sua alargada dimensão, de viajante infatigável, com a figura do herói troiano, Eneias, vencido (na Ásia Menor) e vencedor em novas paragens (Itália), com o recurso de alianças e pactos capazes de albergarem a esperança de vários povos e partilharem as suas culturas.

A pergunta que me coloquei não foi a da necessidade de textos como *A Eneida* continuarem a ser lidos, mas sim o da sua adaptação para jovens. Desvirtuará isso o texto original? E que sabemos nós, hoje, do público leitor durante o Império Romano? A divisão – naturalizada atualmente entre literatura para adultos e literatura infantil ou juvenil – é recente; porém, inexistente na época de criação da obra. O problema parece, pois, ser, antes, a capacidade de leitura dos nossos jovens, sobretudo com o obstáculo do fosso temporal e linguístico, já para não referir outras insuficiências que os estudos sobre a educação literária têm vindo a demonstrar. Neste ponto, gostaria de elencar algumas qualidades da adaptação de Carlos Ascenso André, que criaram uma obra-outra (ao nível das adaptações de *Os Lusíadas*, por João de Barros ou Leonoreta Leitão ou da *Odisseia*, de Homero, por Frederico Lourenço):

– Fornecimento de uma contextualização rigorosa e ajustada: veja-se o mapa inicial, com a trajetória da viagem, a nota explicativa, guião onomástico das personagens mais importantes (humanas e divinas) e topográfico. Não é indiferente que estas informações para textuais se

situem no início do livro, antes do texto literário, propriamente dito: o leitor jovem (onde um dia se hão de situar o Afonso e o Manuel da dedicatória?) precisa de uma ancoragem segura para mergulhar na 'máquina do tempo';

– Atualização de uma narração *in media res*, para não desvirtuar a adaptação/tradução, e *flashback* desde o episódio do 'cavalo de Troia' com Eneias como narrador à rainha cartaginesa Dido da sua difícil decisão e fuga de Troia, com uma frota de navios, das viagens e aventuras efetuadas. As mudanças de narrador são sempre devidamente assinaladas, no sentido de facilitar a leitura de uma intriga 'saltitante' e com muitas oscilações de tempo e lugar, que podem ser obstáculo ao atual jovem leitor (“Eneias fica em silêncio por breves momentos. [...] Voltamos, pois, à voz de Eneias.” “Calou-se, finalmente. E finalmente descansou.” *opus cit.*, pp. 103 e 125). A relação amorosa com Dido funciona como a paragem da missão de demanda dos desígnios futuros de Eneias, mas permite ter o arco temporal diacrónico refeito;

– Empatia com o leitor na revelação das similitudes encontradas entre tempos tão distantes, como por exemplo as pausas dedicadas aos jogos, as preocupações do inconsciente (sono, sonhos, profecias e morte) e os receios/angústias dos humanos;

– Mestria na síntese dos inúmeros episódios sobre as várias guerras no Lácio, sem escamotear a sua violência, mas sem nela insistir.

Julgo que esta adaptação para jovens de um clássico como *A Eneida* pode bem ser entendida como uma tradução – género no qual é conhecida a excelência de Carlos Ascenso André – criação de um novo outro a partir do mesmo, a miscigenação de culturas característica do mundo Ocidental. Assim o cânone ocidental sobreviva, e continue a ser lido pela juventude!